

Territorialidades e epistemologias insurgentes e futuros possíveis
Dossiê Revista Continentes – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
(A2 Qualis CAPES)

Organizadores:

Ana Paula Perrota (PPGCS-UFRRJ)

Erick Morris (FGV-DGPE)

Chamada para artigos

Vivemos um tempo que deixou de caber na palavra “crise”. Como lembra Isabelle Stengers, habitamos a era das catástrofes, um presente em que o futuro já não pode ser pensado apenas como correção técnica ou ajuste energético. O que se esgota não são apenas os combustíveis fósseis — é o próprio horizonte civilizatório que se revela insuficiente.

O paradigma do crescimento econômico infinito, sustentado pela fé no progresso e na racionalidade técnico-científica, mostra seus limites diante de um planeta ferido. E, à medida que as ciências se veem interpeladas por essa exaustão, abrem-se brechas para imaginar outros arranjos de vida, outras alianças, outras formas de conhecimento. São caminhos que não nascem das corporações nem das soluções prontas baseadas na mesma lógica que produz as ruínas do nosso tempo presente. Mas nascem de práticas e mundos que já existem, ainda que invisibilizados ou sem o devido reconhecimento.

Esses mundos — indígenas, quilombolas, ribeirinhos, urbanos periféricos, camponeses, afrodiáspóricos, migrantes, insurgentes — produzem formas de viver que não se alinham docilmente aos imperativos do extrativismo e do capital. Como antecipou Mauro Almeida nos anos 1990, as chamadas “populações tradicionais” deixaram de ser tratadas como obstáculos ao desenvolvimento e passaram a inspirar reflexões sobre equilíbrio ecológico, autonomia, reciprocidade e cuidado. Essa reviravolta se aprofunda nos nossos dias, não porque essas populações sejam idealizadas, mas porque sustentam outros modos de relação com o território, a economia, o tempo e a comunidade.

Diante dessas questões, esta chamada convida a mapear, cultivar e imaginar ecologias de saberes e de práticas, capazes de expandir o horizonte do possível. Queremos conhecer mundos para aprender com eles. E é nessa travessia que se encontram não apenas a Antropologia, mas as Humanidades como um todo — em diálogo com as artes, as ciências, as tecnologias insurgentes e as sabedorias comunitárias. Buscamos então contribuições que nos ajudem a imaginar o porvir a partir do que já pulsa no presente, abrindo espaço para alianças indisciplinadas, epistemologias rebeldes e exercícios de imaginação que se orientem pelo cuidado, pela justiça e pela vida em comum. Assim, interessa-nos tanto a investigação empírica quanto a reflexão teórica sobre cosmologias, práticas, lutas, experimentações políticas e invenções cotidianas que apontem para futuros pós-capitalistas e pós-extrativistas.

Especificamente, mas não exclusivamente, alguns temas a serem destacados são (lista de 7,8 tópicos):

- questões ambientais e territoriais no Brasil e na América Latina no século XXI
- epistemologias insurgentes e futuros possíveis: conceitos e métodos
- decolonialidade, pós-extrativismo e trabalho de campo: práticas de pesquisa
- virada ontológica e novas perspectivas teóricas e empíricas
- geografias mais-que-humanas e relações multiespécies
- afrocentricidade, afrocentrismo e afrofuturismo
- feminismos e ambientalismos

Os autores e as autoras não devem ser identificados no documento word (utilize XXX ou AUTOR/AUTORA), mas tão somente na plataforma da revista [<http://revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/about/submissions>]. Além disso, o tamanho não deve ultrapassar o limite de 6 mil palavras, mas as referências bibliográficas não serão contabilizadas. Idiomas aceitos: português, espanhol, inglês e francês. Prazo de submissão: 31 de novembro a 31 de março. Fonte: Times New Roman 12, parágrafo 1,5.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Mauro Almeida. Populações tradicionais e conservação ambiental. In: Cultura com aspas. Org. Manuela Carneiro da Cunha. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CHAKRABARTY, Dipesh. Clima e história: cuatro tesis. Revista de Pensamiento Contemporáneo, n. 31, 2009, p. 51-69.

MORRIS, Erick. Encontro da Educação Popular e Universidades: experiências e desafios. Revista del Cisen Tramas/Maepova, v. 4, p. 217, 2016.

PERROTA, Ana Paula. A antropologia diante do fim do mundo. In: Ambientes e conflitos no antropoceno. Org. Ana Cláudia Rodrigues da Silva e Hugo Menezes Neto. Recife: UFPE, 2023.

POLANYI, Karl. A grande transformação: as origens da nossa época. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar?. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STENGERS, Isabelle. No tempo das catástrofes. Sao Paulo: Cosac Naify, Coleção EXIT, 2015.

TSING, Anna. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

Insurgent territorialities and epistemologies and possible futures

Dossier Revista Continentes – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

(A2 Qualis CAPES)

Editors:

Ana Paula Perrota (PPGCS-UFRRJ)

Erick Morris (FGV-DGPE)

Call for papers

We live in a time that no longer fits within the word ‘crisis’. According to Isabelle Stengers, we inhabit the age of catastrophes, a present in which the future can no longer be thought of merely technical correction or energy adjustments. What is running out is

not only fossil combustibles, but the very horizon of civilization that is proving insufficient.

Sustained by faith in progress and technical-scientific rationality, the paradigm of infinity economic growth shows its limits in the face of a wounded planet. As the sciences have been challenged by this context, as a result we can design other means of life, alliances, and forms of knowledge. Directly responsible for that situation, corporations or taken for granted solutions have nothing to do with these alternatives ways. On the contrary, they were born of practices and worlds that already exist, even if they are invisible or without due recognition.

These worlds - indigenous, quilombolas, riverside, urban peripherals, peasants, aphrodisiacs, migrants, insurgents - produce ways of living that do not docilely align with the imperatives of extractivism and capital. As Manuela Carneiro da Cunha anticipated in the 1990s, the so-called "traditional populations" are no longer treated as obstacles to development and have begun to inspire reflections on ecological balance, autonomy, reciprocity and care. This reversal deepens in our days, not because these populations are idealized, but because they support other ways of relationship with the territory, economy, time and community.

Faced with these questions, this call for papers invites us to map, cultivate and imagine ecologies of knowledge and practices capable of expanding the horizon of the possible. We want to know worlds in order to learn from them. And it is in this crossing that not only Anthropology, but the Humanities as a whole are found - in dialogue with the arts, sciences, insurgent technologies and community wisdom. We then seek contributions that help us to imagine the future from what already pulsates in the present, opening space for undisciplined alliances, rebellious epistemologies and exercises of imagination that are guided by care, justice and life in common. Thus, we are interested in both empirical research and theoretical reflection on cosmologies, practices, struggles, political experiments and everyday inventions that point to future post-capitalist and post-extractive. Specifically, but not exclusively, some themes to be highlighted are:

- environmental and territorial issues in Brazil and Latin America in the 21st century;
- insurgent epistemologies and possible futures: concepts and methods;
- decoloniality, post-extractivism and fieldwork: research practices;
- feminism and environmentalism;
- Amerindian perspectivism and its uses;

- more-than-human geographies and multispecies relationships;
- Afrocentricity, Afrocentrism and Afrofuturism.

The name of the authors cannot be identified in the paper. So please use AUTHOR or XXX. Fill your name and other informations at <http://revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/about/submissions>. The papers can be written in Portuguese, Spanish, English, and French, but they can not have more than 6000 words – not including references. Typeface: Times New Roman 12, 1.5 line spacing. The submission deadline is from 12/08/2025 to 03/31/2026.

References

- Chakrabarty D (2009) The Climate of History: Four Theses. *Critical Inquiry*, 35 (2): 197-222.
- Cunha MC and Almeida M (2009) Populações tradicionais e conservação ambiental. In: Cunha MC. *Cultura com aspas e outros ensaios* (pp.277-300). São Paulo: Cosac Naify
- Morris E (2016) Encontro da Educação Popular e Universidades: experiências e desafios. *Revista del Cisen Tramas/Maepova* 4 (2): 217-224.
- Perrota AP (2023) A antropologia diante do fim do mundo. In: Da Silva ACR and Menezes Neto Hugo (eds.) *Ayé: ambientes e conflitos no antropoceno* (pp.255-266). Recife: UFPE.
- Polanyi K (1944) *The great transformation*. New York: Farrar & Rinehart.
- Spivak GC (1988 [1985]) Can the subaltern speak? In Nelson C and Grossberg L (eds.) *Marxism and the interpretation of culture* (pp. 271-313). Macmillan Education: Basingstoke.
- Stengers I (2008) *Au temps des catastrophes – résister à la barbarie qui vient*. Paris: La Découverte.
- Tsing A (2015) *The Mushroom at the End of the World*. Princeton: Princeton University Press.

Territorialités, épistémologies insurrectionnelles et futurs possibles

**Dossier pour la Revue Continents – Université Fédérale Rurale de Rio de Janeiro
(A2 Qualis CAPES)**

Organisateurs :**Ana Paula Perrota (PPGCS-UFRRJ)****Erick Morris (FGV-DGPE)****Appel à contributions**

Nous vivons une époque qui ne se prête plus à la seule définition de la « crise ». Comme le rappelle Isabelle Stengers, nous habitons l'ère des catastrophes, un présent où l'avenir ne peut plus se réduire à de simples corrections techniques ou à des ajustements énergétiques. Ce ne sont pas seulement les énergies fossiles qui s'épuisent, mais l'horizon même de la civilisation qui se révèle insuffisant.

Le paradigme de la croissance économique infinie, soutenu par la foi dans le progrès et la rationalité technico-scientifique, montre ses limites face à une planète blessée. Et, tandis que les sciences sont mises au défi par cet épuisement, des perspectives s'ouvrent pour imaginer d'autres modes de vie, d'autres alliances, d'autres formes de connaissance. Ces voies ne proviennent pas des entreprises ni de solutions toutes faites fondées sur la même logique qui engendre les ruines de notre époque. Elles naissent plutôt de pratiques et de mondes qui existent déjà, même s'ils sont invisibles ou méconnus.

Ces mondes – autochtones, quilombolas, riverains, périurbains, paysans, afro-diasporiques, migrants, insurrectionnels – produisent des modes de vie qui ne se soumettent pas docilement aux impératifs de l'extractivisme et du capital. Comme Mauro Almeida l'avait anticipé dans les années 1990, les populations dites « traditionnelles » ne sont plus perçues comme des obstacles au développement, mais inspirent désormais des réflexions sur l'équilibre écologique, l'autonomie, la réciprocité et la solidarité. Ce changement de perspective s'accroît aujourd'hui, non pas parce que ces populations sont idéalisées, mais parce qu'elles perpétuent d'autres manières d'appréhender le territoire, l'économie, le temps et la communauté.

Face à ces enjeux, cet appel nous invite à cartographier, cultiver et imaginer des écologies de savoirs et de pratiques capables d'élargir le champ des possibles. Nous voulons connaître ces mondes pour en tirer des enseignements. C'est dans cette démarche que se rejoignent non seulement l'anthropologie, mais l'ensemble des sciences humaines – en dialogue avec les arts, les sciences, les technologies alternatives et les savoirs communautaires. Nous recherchons donc des contributions qui nous aident à imaginer l'avenir à partir de ce qui palpète déjà dans le présent, en ouvrant la voie à des alliances

non conventionnelles, à des épistémologies contestataires et à des exercices d'imagination guidés par la bienveillance, la justice et la vie communautaire. Ainsi, nous nous intéressons tant à la recherche empirique qu'à la réflexion théorique sur les cosmologies, les pratiques, les luttes, les expérimentations politiques et les inventions du quotidien qui esquissent des avenir post-capitalistes et post-extractifs.

Plus précisément, mais sans s'y limiter, voici quelques thèmes à aborder :

- Enjeux environnementaux et territoriaux au Brésil et en Amérique latine au XXI^e siècle
- Épistémologies insurrectionnelles et futurs possibles : concepts et méthodes
- Décolonialité, post-extractivisme et travail de terrain : pratiques de recherche
- Tournant ontologique et nouvelles perspectives théoriques et empiriques
- Géographies qu'humaines et relations multi spécifiques
- Afrocentricité, afrocentrisme et afro futurisme
- Féminismes et environmentalismes

Les auteurs ne doivent pas être identifiés dans le document Word (utiliser XXX ou AUTEUR), mais uniquement sur la plateforme de la revue [<http://revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/about/submissions>]. Le document ne doit pas dépasser 6 000 mots, références bibliographiques non comprises. Langues acceptées : portugais, espagnol, anglais et français. Date limite de soumission : du 31 novembre au 31 mars. Police : Times New Roman 12, paragraphe 1.5.

Références bibliographiques

ALMEIDA, Mauro Almeida. Populações tradicionais e conservação ambiental. In: Cultura com aspas. Org. Manuela Carneiro da Cunha. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CHAKRABARTY, Dipesh. Clima e historia: cuatro tesis. Revista de Pensamiento Contemporáneo, n. 31, 2009, p. 51-69.

MORRIS, Erick. Encontro da Educação Popular e Universidades: experiências e desafios. Revista del Cisen Tramas/Maepova, v. 4, p. 217, 2016.

PERROTA, Ana Paula. A antropologia diante do fim do mundo. In: Ambientes e conflitos no antropoceno. Org. Ana Cláudia Rodrigues da Silva e Hugo Menezes Neto. Recife: UFPE, 2023.

POLANYI, Karl. A grande transformação: as origens da nossa época. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar?. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STENGERS, Isabelle. No tempo das catástrofes. Sao Paulo: Cosac Naify, Coleção EXIT, 2015.

TSING, Anna. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

Territorialidades y epistemologías insurgentes y futuros posibles

**Dossier Revista Continentes – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
(A2 Qualis CAPES)**

Editores:

Ana Paula Perrota (PPGCS-UFRRJ)

Erick Morris (FGV-DGPE)

Convocatoria de artículos

Vivimos en una época que ya no cabe la palabra “crisis”. Como señala Isabelle Stengers, nos encontramos en la era de las catástrofes, un presente en el que el futuro dejó de ser concebible como un simple corrección técnica o un ajuste energético. Lo que se extingue no son solo los combustibles fósiles: es el propio horizonte civilizatorio el que se muestra insuficiente.

El paradigma del crecimiento económico infinito, sostenido por la fé en el progreso y en la racionalidad técnico-científica, revela sus límites frente a un planeta herido. En este escenario, las ciencias se ven interpeladas, y esto abre la posibilidad de imaginar otros modos de vida, nuevas alianzas y diferentes formas de producir conocimiento. Estas alternativas no provienen de corporaciones ni de soluciones basadas

en la misma lógica de producción que ha generado las ruinas de nuestro tiempo. Sino de prácticas y mundos que ya existen, aunque muchas veces invisibilizados o desprovistos de reconocimiento.

Esos mundos —indígenas, quilombolas, ribereños, poblaciones urbanas periféricas, campesinas, afro-diaspóricas, migrantes, insurgentes— sostienen modos de vida que no se alinean dócilmente a los imperativos del capital y del extractivismo. Como anticipó Manuela Carneiro da Cunha en los años noventa, las llamadas “poblaciones tradicionales” ya no son tratadas como obstáculos al desarrollo; por el contrario, hoy inspiran reflexiones sobre equilibrio ecológico, autonomía, reciprocidad y cuidado. Este giro se profundiza en la actualidad, no por una idealización de estos pueblos, sino porque encarnan otras formas de relación con el territorio, la economía, el tiempo y la comunidad.

Frente a estos temas, esta convocatoria invita a mapear, cultivar e imaginar ecologías de saberes y prácticas, capaces de expandir el horizonte de lo posible. Queremos conocer mundos para aprender de ellos. Y es en este cruce donde se encuentran no solo la Antropología, sino también el campo de las Humanidades en su totalidad —en diálogo con las artes, las ciencias, las tecnologías insurgentes y los saberes comunitarios. Buscamos contribuciones que nos ayuden a imaginar futuros posibles a partir de aquello que ya late en el presente, abriendo espacios para alianzas indisciplinadas, epistemologías rebeldes y ejercicios de imaginación guiados por el cuidado, la justicia y la vida en común. Nos interesan tanto investigaciones empíricas como reflexiones teóricas sobre cosmologías, prácticas, luchas, experimentaciones políticas e invenciones cotidianas que señalen caminos hacia futuros poscapitalistas y posextractivistas.

Específicamente, pero no exclusivamente, se señalan los siguientes temas:

- cuestiones ambientales y territoriales en Brasil y América Latina en el siglo XXI;
- epistemologías insurgentes y futuros posibles: conceptos y métodos;
- decolonialidad, posextractivismo y trabajo de campo: prácticas de investigación;
- feminismo y ambientalismo;
- perspectivismo amerindio y sus usos;
- geografías más-que-humanas y relaciones multiespecies;
- afrocentricidad, afrocentrismo y afrofuturismo.

Los manuscritos no deben incluir información que identifique a los autores dentro del archivo Word (usar XXX o AUTOR/AUTORA). La identificación solo debe registrarse en la plataforma de la revista: <http://revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/about/submissions>

- Extensión máxima: 6.000 palabras (las referencias no se contabilizan)
- Idiomas aceptados: portugués, español, inglés y francés
- Período de envío: del 31 de noviembre al 31 de marzo
- Formato: Times New Roman 12, interlineado 1,5

Referencias bibliográficas

ALMEIDA, Mauro Almeida. Populações tradicionais e conservação ambiental. In: Cultura com aspas. Org. Manuela Carneiro da Cunha. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CHAKRABARTY, Dipesh. Clima e historia: cuatro tesis. Revista de Pensamiento Contemporáneo, n. 31, 2009, p. 51-69.

MORRIS, Erick. Encontro da Educação Popular e Universidades: experiências e desafios. Revista del Cisen Tramas/Maepova, v. 4, p. 217, 2016.

PERROTA, Ana Paula. A antropologia diante do fim do mundo. In: Ambientes e conflitos no antropoceno. Org. Ana Cláudia Rodrigues da Silva e Hugo Menezes Neto. Recife: UFPE, 2023.

POLANYI, Karl. A grande transformação: as origens da nossa época. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar?. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STENGERS, Isabelle. No tempo das catástrofes. Sao Paulo: Cosac Naify, Coleção EXIT, 2015.

TSING, Anna. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.